

Sveučilište u Zagrebu

Filozofski fakultet

Odsjek za romanistiku

Katedra za portugalski jezik i književnost

O DISCURSO SOCIAL SOBRE A MULHER EM
NIKETCHE DE PAULINA CHIZIANE
DRUŠTVENI POLOŽAJ ŽENE U DJELU NIKETCHE
PAULINE CHIZIANE

Diplomski rad

Student:

Bojana Poljaković

Mentor:

dr.sc. Nikica Talan

Zagreb, prosinac 2015.

Sumário

Sumário	2
Sažetak.....	3
Resumo.....	4
1. Introdução	5
2. Literatura moçambicana	7
2.1. Periodização da literatura moçambicana.....	7
2.2. Paulina Chiziane e um breve relatório da literatura feminina em Moçambique.....	10
3. Niketche: uma história de poligamia.....	14
3.1. Resumo da obra.....	14
3.2. Mulher subordinada ao homem.....	15
3.3. Influência colonial.....	21
3.4. Tradição na modernidade	24
3.4.1. Poligamia	24
3.4.2. Retorno às raízes	27
4. Considerações finais.....	31
5. Bibliografia.....	33

Sažetak

U radu namjeravam analizirati društveni položaj žene u Mozambiku kako je prikazan u romanu „Niketche: priča o poligamiji“ Pauline Chiziane, prve žene koja je napisala roman u Mozambiku. Kroz priču o Rami pratimo priču o ženama koje žive zarobljene u svijetu u kojem vladaju muška pravila stvorena kako bi kontrolirali i potčinjavali žene. One su bezglasne i obespravljene, poslušne i zahvalne na svemu što dobiju, makar to bile i mrvice. Kroz rad će se prikazati položaj žene u odnosu na muškarce u njihovim životima, zatim njihov položaj u postkolonijalnoj državi koja se još uvijek ne može osloboditi utjecaja koji je imala višestoljetna vladavina kolonizatora, te kako na položaj žene utječe raskorak između tradicije i suvremenosti. Ovaj se raskorak najbolje očituje u prikazu tradicija i običaja domicilnog afričkog stanovništva koji su našli način da se očuvaju i prakticiraju usprkos promjenama koje su se dogodile u mozambičkom društvu.

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a posição social das mulheres em Moçambique, tal como é apresentada no romance "Niketché: uma história de poligamia" de Paulina Chiziane, a primeira mulher africana a escrever um romance em Moçambique. Através da história de Rami seguimos a história das mulheres que vivem presas num mundo onde dominam as regras dos homens feitas para controlar e subordinar as mulheres. Elas não têm voz e vivem à margem da sociedade, têm de ser obedientes e estar gratas por tudo o que se lhes oferece, mesmo se fossem as migalhas. Através do texto vai-se mostrar a posição das mulheres em relação aos homens presentes nas suas vidas, em seguida, a sua posição no estado pós-colonial que ainda é incapaz de livrar-se do impacto dos colonizadores que reinaram por séculos e como a relação entre a tradição e a modernidade afecta a situação das mulheres. Esta relação é mais evidente quando observamos como as tradições e costumes das populações africanas indígenas, por exemplo a poligamia, encontraram maneiras de se preservar e ainda ser praticadas, apesar das mudanças que ocorreram na sociedade

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar a posição da mulher na sociedade moçambicana exibido na obra “Niketché: uma história de poligamia” de Paulina Chiziane.

Sendo a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, é importante fazer um breve resumo da literatura moçambicana, para compreendermos melhor os eventos históricos e sociais que levaram à necessidade de escrita das mulheres e sobre as mulheres.

Almiro Lobó aponta que, apesar do que o título sugere, “a obra é uma reflexão sobre o universo cultural em que se movem os protagonistas do romance” (2006:80). Ele também diz que, através dos costumes, as convicções e as práticas ritualizadas, “o retrato do Moçambique hodierno constrói-se no feminino, no questionamento da tradição e da modernidade, mas, sobretudo, na diferença entre o norte e o sul. E esta diferença distinta-se melhor na relação entre a mulher e o homem”. (2006:80)

As vozes das mulheres estavam silenciadas por muito tempo. Elas eram marginalizadas tanto na vida social como na vida literária. Quando Paulina Chiziane assumiu a posição da primeira mulher a publicar um romance, utilizou-a para escrever sobre a vida das mulheres na realidade pós-colonial de Moçambique. Ela descreve uma realidade que é muito dura e cruel para uma mulher, que ainda no século XXI fica dependente do homem. Esta dependência é principalmente financeira mas de certa maneira a posição da mulher depende da imagem que está construída numa sociedade patriarcal. Este trabalho vai destacar vários discursos sobre as mulheres moçambicanas através da apresentação delas no romance.

O primeiro capítulo no texto inclui uma breve apresentação do desenvolvimento da literatura moçambicana das suas raízes à literatura moderna pós-colonial. Cada período está explicado e os momentos mais importantes e os escritores que são importantes para o desenvolvimento da literatura moçambicana são destacados. Neste capítulo também se vai falar sobre a literatura feminina, ou seja, de Noémia de Souza e Paulina Chiziane como as mais notáveis escritoras moçambicanas. .

O segundo capítulo começa com o resumo da obra “Niketché: uma história de poligamia” de Paulina Chiziane para introduzir o que vai ser analisado no resto do capítulo. Nesse sentido, primeiro pretendemos analisar o discurso da mulher em relação ao homem seja

ele seu marido ou pai. Como vamos ver, a mulher na sociedade moçambicana está subordinada ao homem e financeiramente dependente dele. Depois vamos falar sobre a influência da colonização na imagem e a posição da mulher na sociedade. Especialmente vai ser destacada a influência da religião cristã e da igreja católica como parte do legado da colonização. O terceiro aspecto do discurso social sobre a mulher será a dicotomia entre a tradição e a modernidade. Vamos falar sobre os diferentes elementos da cultura tradicional que encontraram maneiras para “penetrar” a vida moderna nas zonas urbanas de Moçambique. O mais importante destes elementos é a poligamia conforme a qual o romance está nomeado.

2. Literatura moçambicana

2.1. Periodização da literatura moçambicana

Literatura moçambicana, em primeiro lugar, implica a literatura produzida em Moçambique e por moçambicanos. Mas não é simples falar sobre ou dizer exactamente o que é „literatura moçambicana“. Como explica Chabal: „Conseguir dizer exactamente o que é a literatura moçambicana, ou como evoluiu historicamente, implica que sejamos capazes de dar conta da sua relação com a sociedade e a política colonial e pós-colonial“ (1994: 8). Também, não se pode falar sobre a literatura nacional separadamente da experiência colonial, porque, embora na África subsaariana tivessem existido grupos étnicos com as suas línguas e culturas reconhecíveis, é com o estabelecimento das colónias que estes grupos chegaram a fazer parte de certos estados. As culturas africanas em Moçambique eram principalmente orais, sem ortografia, e a literatura moçambicana se desenvolveu através do uso da língua europeia, neste caso da língua portuguesa. A grande parte da literatura africana está escrita numa língua de origem europeia, o que condiz com a situação em Moçambique. Por causa disso falamos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e de suas literaturas.

Compreender a literatura moçambicana não é fácil sem o conhecimento da situação socio-cultural de Moçambique. É um país vasto, habitado com vários povos de origem africana e de culturas diferentes. O centro administrativo e da vida cultural e social é a capital, a cidade Maputo (antes da independência conhecido como Lourenço Marques), que está situado no extremo sul do país. Sobre a situação socio-cultural de Moçambique e a influência que ela tinha no desenvolvimento da literatura moçambicana Chabal diz:

„Em suma, Moçambique era, entre as colónias africanas, a menos integrada, um território mal dividido onde poucos africanos eram letrados e onde as divisões raciais e sociais eram infinitamente complexas. Dando este estado de coisas, não é de admirar que a vida literária de Moçambique tenha inicialmente estado centrado nas actividades do mestiço e do português branco. Não é por acaso que essas actividades tinham pouco em comum com a vida cultural da imensa maioria da população africana. Falar de „um“ Moçambique – ou de uma entidade que se pudesse qualificar como Moçambique - não era reconhecível em termos sociais e culturais nem tão-pouco sequer homogéneo.“ (1994: 29-30)

Basicamente, a literatura moçambicana pode ser dividida em dois períodos: antes e depois da Independência. Em outras palavras, temos a literatura colonial e a literatura pós-colonial. Nestes dois períodos podemos destacar algumas fases específicas de desenvolvimento da literatura moçambicana. Segundo Pires Laranjeira, falamos de cinco períodos: de Incipiência, de Prelúdio, de Formação, de Desenvolvimento e de Consolidação.

A literatura colonial caracteriza-se pela produção das obras desde as origens da colônia até a proclamação da Independência em 1975. Antes da colonização portuguesa, a literatura baseava-se nas tradições orais das etnias negras de origem bantu e não era escrita. O primeiro período, período de Incipiência, durou até 1924 e é marcado pela escrita da poesia mas não houve uma actividade literária consistente e continuada.

A produção da literatura era reservada aos brancos portugueses que chegaram em Moçambique para fazer comércio ou como diplomatas. Neste tempo, a maioria da população indígena era iliterata sem qualquer domínio da língua portuguesa ou possibilidade de entrar na cena social. Hamilton explica que:

„A partir mais ou menos da segunda metade do século XIX, grupos de assimilados começavam a exercer influência palpável na vida social dos centros urbanos de Angola e Moçambique. Os assimilados, muitos educados em escolas secundárias- governamentais ou missionárias - nas colônias e na metrópole, iam ganhando uma visão que lhes permitia adquirir uma perspectiva cada vez mais reflexiva a respeito das justaposições entre o colonizador e o colonizado.“ (2000: 14-15)

Assimilação era uma das práticas nas colônias desde o século XVI, mas tomou grande impulso desde 1917 e especialmente a partir de 1930. Qualquer pessoa indígena que queria fazer parte da vida social moçambicana teria de ser assimilada. A língua portuguesa era um dos mais importantes instrumentos da assimilação. Se quiser escrever e ser lido, ao autor africano não havia outra opção senão utilizar a língua do ocupador. Segundo Hamilton:

„Para ser considerado assimilado, o indígena via-se obrigado a abandonar os usos dos costumes tradicionais, adoptar a religião cristã, falar e ser alfabetizado em português e portar-se sob as normas do sistema económico imposto pelos colonizadores.“ (2000: 14)

No início do século XX, nas cidades de Lourenço Marques e Beira, um grupo da elite negra e mestiça iniciou „um jornalismo e uma literatura que defendiam os direitos básicos dos habitantes africanos.“ (Hamilton 2000: 16) Em 1909 foi lançado „O africano“, jornal editado

em português e ronga¹, pelos irmãos José e João Albasini. O ano 1925 quando João Albasini publicou a coletânea de contos „O livro da dor“ considera-se o início do período do Prelúdio que dura até ao fim da Segunda Guerra Mundial. O mais fértil poeta neste período foi Rui de Noronha que publicou poemas que se caracterizam com o apego, através do uso do latim e dos motivos bíblicos, à poesia romântica portuguesa com as referências à terra e tradição moçambicana.

O período de Formação da literatura moçambicana começa com o fim da Segunda Guerra Mundial e dura até ao princípio da luta armada de libertação nacional. Conforme Hamilton, os primeiros movimentos literários nativistas de Moçambique nasceram dos movimentos de libertação nos anos cinquenta. Ele também escreve que „muitas das obras literárias produzidas neste período se caracterizavam por reivindicação cultural, protesto social e uma crescente combatividade.“ (2000:18)

Neste período a literatura moçambicana ganha autonomia definitiva. O neo-realismo e a negritude predominam na poesia mas a grande contribuição para o desenvolvimento da literatura também deram os autores da prosa. A maioria dos autores neste período estavam politicamente envolvidos na luta contra o regime colonial. Eram membros do partido FRELIMO e advogavam a ideia do regresso às culturas e tradições africanas. Os escritores africanos procuraram raízes culturais africanas e usaram na escrita estilos africanos. Dessa maneira queriam construir literaturas escritas que „exaltassem as virtudes e a força da África 'tradicional'“ (Chabal 1994: 24). O uso do vocabulário das línguas indígenas era uma das maneiras para valorizar a própria cultura em relação à opressão colonizadora. Os escritores como Noémia de Sousa e José Craveirinha, exemplos entre muitos outros autores, tentavam produzir uma literatura especificamente moçambicana. Com essa ideia nasceu o conceito de „moçambicanidade“ – tentativa de achar a identidade moçambicana através da literatura.

O 4º período da literatura colonial segundo Laranjeira, começa com o início da luta armada de libertação nacional em 1964 e dura até a proclamação da Independência em 1975. Em 1964, Luis Bernardo Honwana publica a sua coletânea de contos „Nós matámos o cão-tinhoso“, „o único livro da prosa 'africana' publicado em Moçambique antes da independência“ (Chabal 1994: 65), em que critica a sociedade e a influência ocidental na África e reflete a posição do negro moçambicano no regime colonial. É o período de

¹ Uma das principais línguas africanas em Moçambique.

desenvolvimento da literatura moçambicana e é quase inseparável do período anterior. Predominam os textos de cariz político e poemas anti-colonialistas que tematizavam a luta armada.

Nos primeiros anos depois da independência foram publicados os textos que eram proibidos na época colonial. Também foram publicados os textos empenhados que celebravam os heróis da luta armada, marcados com a exaltação patriótica e temas militantes. A produção literária estava sob o domínio do partido FRELIMO e sobretudo sob a influência da guerra civil que rasgou o país. Com a publicação dos contos de Mia Couto em 1983, a literatura pós-colonial moçambicana evidenciava a abertura para as novas perspectivas fora da literatura empenhada cujo cúmulo era o livro de contos „Vozes anoitecidas“ do Mia Couto. Os autores procuravam novos temas e novos modos de escrever sobre os temas que eram tabus. Este período de Consolidação termina em 1992 com a publicação do primeiro romance de Mia Couto, „Terra sonâmbula“, ao mesmo tempo que chega a abertura política do regime. Os autores abordam os novos modos de escrever, tentam „inventar“ uma língua específica moçambicana, tematizar a vida quotidiana e a problemática entre tradição e modernidade. Podemos dizer que neste período os autores tentam regressar às raízes usando a oralidade africana como inspiração para a forma dos seus textos. Conforme Patrick Chabal „o género mais importante nesta fase parece ser o conto/estória.“ (1994:66) Ele argumenta que isto acontece por causa da „influência da cultura oral africana e popular, que recorre essencialmente à arte de contar histórias. Os jovens escritores que procuram novas maneiras de escrever prosa, no contexto de uma tradição de cultura oral recuperam a mais comum forma de arte: contar estórias.“ (Ibid.)

2.2. Paulina Chiziane e um breve relatório da literatura feminina em Moçambique

O domínio colonial que praticamente reprimiu a cultura moçambicana e impôs-se como único e superior à cultura europeia, escravizou e colonizou a mulher duplamente, pelo poder imperial e pelo poder masculino. Por causa da escassez da educação, as mulheres negras não tinham muitas oportunidades de ser representadas na literatura. A poesia de Noémia de Sousa conduziu sem dúvida ao desenvolvimento de uma presença autoral feminina e deu o contributo feminino mais relevante na literatura moçambicana. Ela nasceu no sul de

Moçambique, perto de Maputo, no ano de 1926. Embora os seus pais também tivessem sido mestiços, das origens luso-afrogoesa e alemã e ronga, ela se considerava moçambicana. Quando começou a escrever à volta da época do fim da Segunda Guerra Mundial, era a única mestiça a escrever em português em África e tornou-se uma voz para as mulheres do seu país. Nas palavras de Russel Hamilton “Noémia de Sousa tem a distinção de ser a primeira mulher africana, escrevendo em qualquer língua, a ganhar fama internacional como poeta.” (2000:21) Ela escreveu os seus poemas entre 1948 e 1951 com a ideia de exaltar a sua pátria mãe e a cultura do povo moçambicano durante o período colonial. A coletânea dos seus poemas “Sangue negro” foi publicada em 2001.

Paulina Chiziane, embora nascesse em 1955 em Manjacaze na província de Gaza, cresceu no subúrbios da cidade de Maputo. Desde menina falava chope, a língua da sua étnia e ronga que se falava nas ruas de Maputo, nestes anos chamado Lourenço Marques. A sua família era de raízes africanas e não era assimilada. Ela aprendeu o português quando entrou na escola primária missionária católica em Maputo, mas o seu uso da língua portuguesa foi limitado somente à área da escola, porque cresceu numa família anticolonial que resistia à integração cultural. Os primeiros contactos com os brancos ocorreram quando entrou na escola secundária onde não havia segregação da raça. Desta situação a autora diz:

„Para mim foi uma coisa muito chocante, porque, com a educação muito rígida que eu tinha em casa, de racismo e da resistência para os coloniais, nunca tinha tido uma aproximação com um branco. O branco que eu conhecia era o branco da loja, e mesmo com esse os contactos não eram realmente contactos humanos.“ (CHABAL 1994:294)

Depois do curso comercial, trabalhou como escrituária, mas este trabalho não lhe interessou muito. Durante o tempo da guerra pela independência era membro activo da FRELIMO e tinha dezoito anos em 1974 quando a independência foi proclamada. Por causa da descrença nas directivas políticas do partido FRELIMO pós-independência, deixou-se envolver na política. Em breve depois da independência, casou-se e teve dois filhos mas o seu matrimónio não durou muito. Por volta da guerra civil trabalhou em diversos trabalhos e entrou na faculdade para estudar linguística, mas nunca terminou.

Iniciou a sua actividade literária em 1984 com contos publicados nos jornais moçambicanos. Com o seu primeiro livro, *Balada de Amor ao Vento* (1990), tornou-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance. O romance é narrado completamente

pela vista da mulher e trata fortemente da condição de mulher em África. Apesar disso, o romance faz um paralelo explícito entre o passado e o presente.

Paulina Chiziane publicou, até hoje, cinco romances, entre 1991 e 2008: *Balada de Amor ao Vento* (1990), *Ventos do Apocalipse* (1999), *O Sétimo Juramento* (2000), *Niketche, uma História de Poligamia* (2002), e *O Alegre Canto da Perdiz* (2008). Publicou um livro de contos intitulado *As Andorinhas* (2008) e duas obras que tematizam espiritualidade, tradição e costumes de Moçambique: *Na mão de Deus* (2012) e *Por quem vibram os tambores do além?* (2013). Para a obra *Niketche: uma história de poligamia* ganhou o prémio José Craveirinha junto com o autor Mia Couto.

As suas obras estão marcadas com as questões fundamentais que determinam a condição histórica, social e política da mulher moçambicana. O seu discurso ficcional é essencialmente um discurso sobre “gênero” que fica entre a tradição e modernidade. Paulina Chiziane escreve sobre os problemas que estas mulheres enfrentam no dia a dia, sobre o estatuto social que têm e como os acontecimentos recentes e diários influenciam as suas vidas. Por cima disto, ela usa a voz feminina para narrar todos os problemas da posição social da mulher na sociedade moderna de Moçambique. Ana Afonso salienta que:

„Em Paulina o sujeito feminino está atrelado à pátria como forma de recuperação das tradições, contudo tal resgate impõe outras reflexões a respeito do papel que a mulher desempenha ou pode vir a ocupar em sua sociedade. A escolha de personagens femininas não é arbitrária. Nos seus textos Paulina privilegia a mulher, tanto protagonizando como narrando, pois uma das características de sua escrita é reivindicar-se como „feminista“, no sentido de dar destaque e valorizar a figura feminina através da exteriorização de seus sentimentos. As personagens femininas de Chiziane são emblemáticas, contrastando com uma grande parcela das mulheres moçambicanas que levam uma vida apagada, e embora elas não rompam com suas tradições arraigadas, esboçam com muita força um quadro que aponta para um futuro de visibilidade.“ (s/d:3)

Ambas as escritoras têm como o tema principal a mulher. Escrevem sobre ambas as vida quotidiana delas e sobre as dificuldades que as cercam. Sobre as semelhanças entre a escrita de Noémia de Sousa e de Paulina Chiziane, Luciana Dantas diz:

“A poesia de Noémia de Sousa, voz pioneira na desmistificação da mulher, e as narrativas de Paulina Chiziane trazem à tona a voz da mulher moçambicana metaforizada como ‘Mãe África’, a mãe de todas as mulheres. Ambas mulheres escritoras de

Moçambique iniciaram à jornada de luta da mulher em defesa de seus ideais, através da escrita literária, sendo as 'portavozes' de todas as mulheres moçambicanas que após o fim da escravização e opressão portuguesas buscam o reconhecimento de suas marcas identitárias femininas no pós-colonialismo." (2011:s/p)

3. Niketche: uma história de poligamia

3.1. Resumo da obra

No romance „Niketche: uma história de poligamia“ a protagonista principal é a Rami, uma mulher que é do sul do Moçambique e morra no Maputo, a capital do país. Apesar de ser protagonista, ela também é a narradora do romance. Rami está casada com o Tony, um comandante da polícia de Maputo. Eles são casados há vinte anos e têm vários filhos².

Logo no início do romance observamos que Rami não se encontra num matrimónio harmónico. Aparentemente o seu marido não vive com ela todo o tempo, nem ela sabe onde é que ele anda. Tem dúvidas que ele tem amantes. Depois de confirmar as suas dúvidas e vir a saber que ele mora com a Julieta, Rami decide confrontá-la. Nesta confrontação que se transformou numa luta física entre as duas mulheres na casa da Julieta, Rami percebe que o seu marido não é somente adúltero, mas um polígamo. Com cada confrontação com a próxima mulher do seu marido, Rami encontra uma mais. No final, o polígamo Tony vive com cinco mulheres no total e com cada uma tem uma vida diferente. Mas Rami é a única que está casada com o Tony conforme a lei e a religião cristã que é reconhecida como a religião principal no país. Ela acha que esta condição lhe dá mais direitos e vantagens no casamento poligâmico.

Com o avançar do romance seguimos a transformação do personagem de Rami. Ela decide amistar-se com as suas rivais e conhecer as suas histórias. Elas falam sobre a situação real na qual as mulheres de Moçambique vivem e de todas as experiências que passam no quotidiano. Cada uma delas chega das diferentes partes do país. Rami é do sul. Do centro chega Julieta. A terceira mulher, Luísa, é do centro-norte e do norte são Saly e Mauá, a quarta e quinta esposas. Conhecendo as diferenças culturais das outras quatro esposas, Rami passa a conhecer a tradição e diferentes costumes da cada região de Moçambique. Durante todo o romance, ela compara costumes das outras esposas com os costumes e as crenças nos quais ela tinha crescido. Unidas, estas mulheres partem para a luta de assegurar uma melhor posição social para as mulheres que as cercam.

² Números do filhos deles não está especificamente dito no romance.

Primeiro, e o que se vai mostrar como muito importante, Rami ajudou as outras mulheres a iniciar um negócio que lhes vai trazer a independência financeira de Tony. Também ela as ajudou a sair da sombra e mostrarem-se em frente de toda a família de Tony. Rami tentou viver uma poligamia verdadeira, tradicional, onde todas as mulheres eram iguais e tinham todos os direitos nos assuntos familiares. As visitas de Tony eram arranjadas de forma a que ele passasse o mesmo tempo com cada mulher. Isto não ficou bem com o Tony, porque se sentia controlado e encontrou mais duas mulheres para si mesmo. As suas esposas não estavam satisfeitas com esta situação e queriam saber qual era o motivo dele para comportar-se assim. Depois desta confrontação, Tony desaparece e isto representa o momento crucial para a vida da Rami e das outras esposas.

Um dia acontece um acidente na rua e toda a família de Tony acha que o morto é ele, mas Rami não acredita nisso. Supostamente viúva, ela tem de estar *kutchingada*, ou seja, purificada sexualmente por um dos parentes do defunto, oito dias depois do funeral. Depois de Levy, o irmão de Tony, ter cumprido a sua obrigação, Tony regressa de Paris, da viagem que fez com a sétima mulher. Fica surpreendido com o que tinha acontecido com a Rami e deste momento pouco a pouco Tony perde a importância na vida da Rami e das outras esposas que o vão deixar uma após outra.

3.2. Mulher subordinada ao homem

Logo no início do romance, quando estamos a conhecer as personagens, estamos a testemunhar um acidente. Nesse momento estamos a compreender que Rami dá por falta do marido e que nem sabe onde ele anda. Mas também testemunhamos que ela não é a única nessa situação. As mulheres em seu redor falam também sobre o marido que deixou a sua família para estar com uma mulher mais jovem e sobre situações semelhantes onde as mulheres ficam sozinhas.

Vejamos que Rami acha que precisa da presença de um homem para resolver esse conflito porque „um marido em casa é segurança, é protecção. Na presença de um marido os ladrões se afastam. Os homens respeitam.“ (Chiziane 2004:11). Assim vejamos que Rami, como a mulher, considera que não tem o mesmo valor que um homem, porque cresceu com o conceito que somente atrás de um homem a mulher se pode apreciar. Ela traz as histórias das

mulheres que se sentem enganadas, usadas, trocadas e, mais importante, subordinadas aos homens.

As mulheres, especialmente mulheres negras, estavam destinadas a cuidar das crianças e da casa, sem as mínimas possibilidades de educação ou contribuição econômica para a família. As circunstâncias econômicas e sociais em Moçambique ofereceram aos homens mais vantagens na busca de trabalho e por causa disto os espaços rurais do norte do país estão em falta dos homens, especialmente dos homens que estão bem posicionados na sociedade.

No primeiro confronto entre Rami e Luísa, a terceira mulher, esta situação da falta dos homens é explicada por Luísa:

„-Eles abandonaram as aldeias e estão concentrados aqui na capital. Há também muitos estrangeiros aqui. Milhares de homens de negócios de todas as raças invadem as nossas fronteiras, em cada dia, vão e voltam. Isto aqui está cheio de homens por todo o lado, homens só para vocês, mulheres do sul. É por isso que nóo, mulheres do norte, quando apanhamos um homem do sul não o largamos, vingamo-nos sa solidão da falta de amor e ternura. Quando apanhamos um homem do sul não largamos nunca.

- Se aqui há tantos homens como dizes, por que não procuraste um só para ti?

- Muitos homens há, sim, o que falta são homens com dinheiro.“ (Chiziane 2004:56)

Esta sociedade é principalmente patriarcal que ainda mais suporta a superioridade dos homens. Ele é dono da casa, aquele que está a suportar a sua família com o seu trabalho e com o dinheiro que ganha. Ele espera que a sua mulher seja agradecida por tudo que ele faz e ao mesmo tempo tem de ser obediente por que está economicamente dependente dele. No momento quando as esposas confrontavam Tony porque tinha encontrado mais uma mulher, ele faz um contra-ataque dizendo que elas não têm direito de o controlar. Ele acha que elas são ingratas e isto explica-se com as palavras seguintes:

„Fiz-vos uma grande favor, registem isso. Dei-vos estatuto. Fiz de vocês mulheres decentes, será que não entendem? São menos cinco mulheres a vender o corpo e a mendigar o amor pela estrada fora. Cada uma de vocês tem um lar e dignidade, graças a mim.“ (Chiziane 2004:141-142)

Rami considera que ela é uma mulher pefeita, que não tinha feito nada para merecer ser abandonada por Tony.

„Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm. Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou na vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele.“ (Chiziane 2004: 14)

No romance, Chiziane apresenta uma Mulher que não tem esperanças num futuro melhor. Um futuro no qual as mulheres não seriam usadas pelos homens à vontade: „Não tenho ilusões. Quer seja esposa ou amante, a mulher é uma camisa que o homem usa e despe. É um lenço de papel, que se rasga e não se emenda. É sapato que descola e acaba no lixo.“ (Chiziane 2004: 54) Esta Mulher é reconciliada com o seu destino de ser a culpada de todos os problemas que existem no mundo e que mudar o seu destino é difícil. Depois duma das muitas reflexões da Rami, ela conclui:

„Mães, mulheres. Invisíveis, mas presentes. Sopro de silêncio que dá a luz ao mundo. Estrelas brilhando no céu, ofuscadas por nuvens malditas. Almas sofrendo na sombra do céu. O baú lacrado, escondido neste velho coração, hoje abriu-se um pouco, para revelar o vanto das gerações. Mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, contando a mesma sinfonia, sem esperança de mudanças.“ (Chiziane 2004:101)

Com o avançar do romance podemos ver que Rami, pouco a pouco, instalou a autoconfiança nas suas rivais, mas também em si mesma. Compreendeu que somente juntas as mulheres podem avançar e derrubar o tirano que dominava sobre elas. Ela ajudou as a iniciar um negócio que se vai mostrar como momento importante na vida destas mulheres. O trabalho vai trazer-lhes independência financeira e possibilidade para diminuir a influência do Tony nas suas vidas. No final do romance compreendemos que estas mulheres precisaram de Tony porque não tinham outras soluções. Tony queixou-se nesta situação no momento quando queria divorciar-se da Rami: “Rami, a minha vida era boa. Fazia tudo o que queria. Visitava as mulheres quando me apetecia. Tirava o dinheiro do meu bolso, pagava-as quando mereciam. Agora que têm esses vossos negócios julgam-se senhoras mas não passam de rameiras.” (Chiziane 2004:166)

Rami era uma mulher em busca de identidade questionando tudo o que a cerca. A melhor maneira para fazê-lo era comparar-se com os seus rivais. Esta comparação era possível unicamente com a comparação dos costumes e do estilo de vida que tinham. Por

fazerem parte de lugares extremos de Moçambique, cada uma possui uma representação cultural diferenciada da outra. Como existem várias Áfricas, existem diversas mulheres também em Moçambique. No romance, existe a definição de duas mulheres moçambicanas, as do norte e as do sul. Estas diferenças aparecem durante todo o romance mas só uma citação é suficiente para mostrá-las:

“As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. [...] No norte, as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos da trovoada. Usam o lenço na cabeça sem arte nem beleza, como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas. [...] A mulher do sul é econômica, não gasta nada, compra um vestido novo por ano. A nortenha gasta muito com rendas, com panos, com ouro, com cremes, porque tem que estar sempre bela. (Chiziane 2004 36-37).

No romance, Paulina Chiziane usa estereótipos e preconceitos para descrever as mulheres. As mulheres moçambicanas do norte, pela óptica feminina, são vistas como mulheres reais, aquelas que possuem feminilidade, leveza, sensibilidade, essência, beleza própria e vaidade. O mais importante é que elas passaram os ritos da iniciação que as deixavam prontas para o amor e a satisfação do marido. Elas eram também o desejo dos homens do sul, porque representavam tudo o que uma mulher precisa ter: a sensualidade e o conhecimento das maneiras de sedução. Ao contrário, das mulheres do sul, as mulheres do norte, não eram verdadeiras mulheres porque não tinham passado os ritos da iniciação; eram ainda crianças embora tivessem filhos. Para os homens, as mulheres do sul eram desejáveis não por causa das suas características físicas, mas porque eram obedientes e não gastavam muito em si mesmas.

Outro exemplo das diferenças entre as mulheres do norte e do sul e das suas vistas sobre alguns aspectos das vidas das mulheres mostra esta conversa entre as mulheres:

“Ah, vocês, mulheres do sul! –diz a Saly com sorriso sarcástico. –Ter filhos de pais diferentes não é fraqueza. Antes pelo contrário, uma mulher assim amou muito e foi

amada. É experiente. Teve a sorte de ser desejada por muitos, a vida é feita de tentativas, falha aqui, acerta ali, qual é o problema?

- É uma questão moral, Saly.

-Moral! –diz a Lu com voz severa. –Uma moral que vos obriga a chocar ovos de víbora. Veja só o que a moral fez de ti. És uma fantasma. Vives no inferno. O homem fez de ti simples máquina de reprodutora e tu aceitaste o pacto. É muito grave a tua situação. No teu lugar teria abandonado este homem faz muito tempo.

- Não, isso não.

- A nossa sociedade do norte é mais humana – explica a Mauá. – A mulher tem direito à felicidade e à vida. Vivemos com um homem enquanto nos faz feliz. Se estamos aqui, é porque a harmonia ainda existe. Se um dia o amor acabar, partimos à busca de outros mundos, com a mesma liberdade dos homens.” (Chiziane 2004:174-175)

Escrevendo sobre as diferenças dos costumes que acercam as mulheres e das suas diferenças físicas Paulina Chiziane quer mostrar a riqueza feminina de Moçambique. Ela apresenta Tony como colector destas riquezas nas mulheres com características diferentes que se completam uma à outra. Para Tony, cada uma das suas esposas tem uma função neste matrimónio polígamo e, de certo modo, elas representam uma mulher ideal:

“A Mauá é o meu franguinho – diz -, passou por uma escola de amor, ela é uma doçura. A Saly é boa de cozinha. Pot vezes acordo de madrugada com saudades dos petiscos dela. Mas também é boa de briga, o que é bom para relaxar os meus nervos. Nos dias em que o trabalho corre mas e tenho vontade de gritar, procuro-a só para discutir. Discutimos. E dou gritos bons para oxigenar od pulmões e liberatar a tensão. A Lu é boa de corpo e enfeita-se com arte. Irradia um magnetismo tal que dá gosto andar com ela pela estrada fora. Faz-me bem a sua companhia. A Ju é o meu monumento do erro e perdão. É a mulher a quem mais enganei. Prometi casamento, desviei-lhe o curso da sua vida, enchi-lhe de filhos. Era boa estudante e tinha grandes horizontes. É a mais bonita de todas vocês, podia ter feito um grande casamento. Da Rami? Nem vou comentar. É a minha primeira dama. Nema me afirmei como homem perante o mundo. Ela é minha mãe, minha rainha, meu âmagó, meu alicerce.” (Chiziane 2004:139)

Também Rami descreve este matrimónio polígamo como uma união das diferenças: “Mas nós já somos uma variação, em línguas, em hábitos, em culturas. Somos uma mostra de norte a sul, o país inteiro nas mãos de um só homem. Em matéria de amor, o Tony simboliza a

unidade nacional.” (Chiziane 2004: 161) Segundo esta citação, podemos dizer que Tony simboliza o país de Moçambique e as esposas dele todas as diferenças culturais que existem nessa terra.

Quando Tony decide divorciar-se de Rami, ele deseja castigá-la por ter um ar superior. Quer rebaixá-la ao nível e à posição social que têm outras mulheres. Neste momento compreendemos o que significa ser mulher divorciada na sociedade moçambicana:

“A sociedade olhar-me-ia com desprezo, piedade, maldade, como as aves que rapinam na noite. Serei exgotada a pau e pedra, como uma serpente gulosa de sexo, de carne, de sangue e de prazeres proibidos. Viverei entre a terra e a lua. Entre a escória e a rua. Uma marginal.” (Chiziane 2004:165)

Vejamos que a posição de uma mulher divorciada não é fácil; ela envergonha toda a sua família. Apesar do estatuto social da mulher divorciada, no romance aprendemos o que significa ser uma “mulher estéril”. Ela também é marginalizada porque não pode ter filhos e por causa disto ninguém a quer. Não tem valor, porque a sociedade somente considera mulher aquela que pode ter filhos:

“Mulher estéril é um ser condenado à solidão, à amargura. Qual a vida da mulher estéril? Marginalidade, ausência. Quais os sentimentos dela? Dor e silêncio. Quais os sonhos dela? Eterna ansiedade, desespero. A mulher estéril sente dentro em si um ser sem vida, condenada a desaparecer sem assentar na terra as raízes da existência. Uma criatura existindo sem existir. Deformada sem o ser. Uma mulher expulsa daqui e dali, eternamente à busca de um poiso, numa sociedade onde só é considerada mulher aquela que pode parir. E quem a faz senter-se assim? A sociedade, os homens, as próprias mulheres, especialmente as sogras que determinam o número de filhos que devem nascer dentro de um lar” (Chiziane 2004:136-137)

Podemos ver que nenhum estatuto social das mulheres é ideal, mas o que acontece com uma viúva na sociedade moçambicana é apresentado como o pior. Depois da suposta morte acidental do Tony, Rami de repente passou duma mulher casada a uma mulher viúva: “Não compreendia o que estava a acontecer, mas sabia que uma viúva como deve ser não deve perceber nada, nem perguntar, nem sugerir nada, para não ser chamada viúva fresca, viúva alegre.” (Chiziane 2004: 198-199) Não se trata somente da estigmatização social, uma viúva passa também pela transformação física. Neste momento Rami sentiu que a sua própria feminilidade estava ferida e roubada e que tinha perdido o controle sobre o corpo:

“Arrastaram-me para um canto, raparam-me o cabelo à navalha e vestiram-me de preto. Acabava de perder poderes sobre o meu corpo e sobre a minha própria casa. Arrependo-me: por que não assinei aquele maldito divórcio? Tive nas mãos a oportunidade de libertar-me desta opressão e não a tomei.” (Chiziane 2004:199)

Mas o pior ainda não aconteceu. Supostamente viúva, ela deve ser *tchingada* por um dos irmãos do Tony. O *kutchinga* é uma prática aceite e ditada pelas tradições moçambicanas locais, uma purificação sexual da viúva:

“Os olhos dos meus cunhados, candidatos ao sagrado acto, brilham como cristais. Cheira a erotismo no ar. A expectativa cresce. Sobre quem cairá a bendita sorte? Quem irá herdar todas as esposas do Tony? (...) *Kutchinga!* Eu serei *tchingada* por qualquer um. E todos aguçam os dentes para me *tchingar* a mim. (...) *Kutchinga* é lavar o nojo com beijos de mel. É inaugurar a viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. *Kutchinga* é carimbo, marca de propriedade. Mulher é lobilada com dinheiro e gado. É propriedade.” (Chiziane 2004:212)

O acto de realizar o *kutchinga* calhou ao Levy, irmão do Tony, como uma forma de levirato, também uma das tradições africanas. Mas, como muitas outras coisas, Rami virou esta desgraçada situação a sua volta. Ela permitiu-se o gozo num acto que é de outra maneira muito humilhante para as mulheres. Isto foi uma pequena vitória, uma vingança para todas as mulheres.

3.3. Influência colonial

Durante a colonização houve a imposição da cultura e língua portuguesas, o preconceito racial e a inferiorização das línguas, tradições e costumes do povo de Moçambique. A ambiguidade e a bivalência cultural são causas e efeitos da colonização que considerava inferior a cultura do indigenato e superior a cultura europeia. O legado europeu aos povos de África e demais países colonizados é imensurável.

A imagem de uma mulher moçambicana subordinada é legado da colonização quando eram silenciadas por causa da raça e do gênero. No período pós-colonial elas estão sob o domínio do homem que se refere à tradição patriarcal para assumir a sua posição dominante.

No romance é evidente que o impacto da colonização é ainda forte embora tivessem passado quarenta e mais anos desde a proclamação da independência. Não é fácil denunciar ou eliminar de repente tudo o que aconteceu no período colonial. É claro que as personagens do romance têm problemas para se adaptar às novas circunstâncias que tinham ocorrido na sua sociedade: “Todo o problema parte da fraqueza dos nossos antepassados. Deixara os invasores implantar os seus modelos de pureza e santidades. Onde não havia poligamia, introduziram-na. Onde havia, baniram-na. Baralharam tudo, os desgraçados!” (Chiziane 2004:93)

Com a partida dos colonizadores de Moçambique, “a mostra” das tradições e dos costumes africanos era possível. Mas o problema era como viver as tradições que por muito tempo foram negadas e rejeitadas. Claro que esta situação resultava em identidades “híbridas” dos homens e especialmente das mulheres em Moçambique porque tinha permitido que as pessoas interpretassem as tradições à sua maneira.

É evidente que a religião cristã tinha muito impacto no sul do país que suportava o patriarcado e o domínio dos homens. Como consta no romance: “No regime cristão, as mulheres são educadas para respeitar um só rei, um deus, um amor, uma família, por que é que vão exigir que aceitamos o que nem eles conseguem negar?” (Chiziane 2004:93)

Numa conversa com a sua mãe, Rami conclui:

“Subir ao altar é o sonho de qualquer mulher. Eu realizei-o. Esse homem que hoje me abandona foi em tempos o mais cobiçado. Conquistei-o. Tive-o. Consumi-o. Deu-me cinco filhos. Afirmei-me. Tenho a protecção da lei, as outras não têm nada. Tenho mais sorte que elas, sim. – Porque nunca me falou dos feitiços de amor, mãe? – Foi por causa da religião, filha. Por causa da cidade. O teu pai é um homem de cidade e pouco ligou às tradições. Tinha os seus princípios e só falava português.” (Chiziane 2004:193)

Em muitos capítulos Rami recorre às histórias bíblicas que servem como pequenos marcos do romance nos quais são questionados os costumes europeizados e patriarcais. Muitas vezes no romance Rami chama a Deus, e até a Deuses, mas também menciona o mito de Adão e Eva várias vezes para mostrar a percepção social da inferioridade feminina através do facto de Eva ter sido tirada da costela de Adão, o que dá ao homem estatuto de superioridade. No romance Rami faz paralelismos entre a condição da mulher na sociedade moçambicana e a sua condição na Bíblia:

“Até na bíblia a mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurreladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, por que é que Deus nos colocou no mundo? E esse Deus, se existe, por que nos deixa sofrer assim? O pior de tudo é que Deus parece não ter mulher nenhuma. Se ele fosse casado, a deusa- sua esposa - intercederia por nós. Através dela pediríamos a bênção de uma vida de harmonia. Mas a deusa deve existir, penso. Deve ser tão invisível como todas nós. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial.” (Chiziane 2004:68)

Paulina Chiziane critica a hipocrisia da sociedade moçambicana que elege o cristianismo como a doutrina mas não segue seus dogmas e preceitos. Outra crítica do cristianismo e dos seus costumes acontece depois do funeral da suposta morte do Tony. As esposas criticam os costumes fúnebres da sua família que obviamente têm origens na tradição cristã:

“Essa tua família é um teatro – confirma a Lu. – Primeiro rezam e cantam. Depois lançam gritos e choros pavorosos, esperneiam para abrir o apetite. Depois comem, pão torrado com manteiga, chá preto com açúcar branco e leite condensado, galinha assada com salada e depois bebem cerveja. (...) Lá no norte, as coisas não são assim – completa a Saly. – Para nós a morte é digna. A morte é solene, é séria. Infelizmente, vocês do sul estão a espalhar a maldição pelo país inteiro, e já há nortenho que ostentam poder económico e político na hora da morte. Levam para o funeral todos os símbolos do poder: fardamento militar, bandeiras, patentes, água mineral, telefones celulares, títulos académicos, carros de luxo.” (Chiziane 2004:241-242)

Ao descrever os seus personagens femininos Paulina Chiziane enfatiza o exótico, procedimento aliás típico na literatura europeia sobre as „maravilhas nas colónias“. As outras mulheres, ou seja as outras regiões, são apresentadas como algo surpreendente, sensual, diferente. Mas diferente de quem? Claro, da Rami, que é, de certo modo, a representação do legado do colonialismo. E nesse sentido ela comporta-se como o colonizador que „revela“ outros lugares ou seja outras mulheres. E fica ao mesmo tempo surpreendida e excitada por encontrar algo que não sabia. No romance mistifica-se o norte e tudo o que é diferente dos padrões que predominam no sul, ou seja na capital.

3.4. Tradição na modernidade

Na atualidade, na era pós-moderna, pós-colonial, existe o conflito de manter as tradições culturais de seu povo e ser uma mulher à frente do seu tempo e dos aspectos culturais. Julieta, a segunda esposa de Tony discursa que:

“A cultura não é eterna, mas esforçamo-nos por continuar a linha da tradição. Faremos tudo o que nos ensinaram, como nos legaram os nossos antepassados. Nós somos mulheres de coragem, de respeito. Custa muito aceitar a poligamia, numa era em que as mulheres se afirmam e conquistam o mundo.” (Chiziane 2004:311)

3.4.1. Poligamia

Oposto à monogamia, que é a única forma legalizada de matrimônio na maioria dos países do mundo, poligamia é a forma de matrimônio quando um dos cônjuges, seja feminino ou masculino, tem vários cônjuges. Segundo Haviland, quando se fala sobre a poligamia, acha-se principalmente em poliginia, a forma da poligamia quando um marido tem duas ou mais mulheres ao mesmo tempo (2004:221). Poliginia é mais comum do que poliandria, outra forma de matrimônio poligâmico quando uma mulher tem vários maridos. Por causa disso o termo usado mais frequentemente é poligamia.

A poligamia faz parte da tradição de muitos povos moçambicanos. As suas raízes são mais fortes no norte, certamente por influência árabe, do que no sul que esteve durante muito tempo sob o domínio colonial. Aproximadamente por cinco séculos Moçambique hospedou os portugueses. O domínio racial era incitado por miscigenação e assimilação através do qual se espalharam a religião, a cultura e a língua portuguesa. A monogamia foi institucionalizada numa sociedade tradicionalmente poligâmica como imposição religiosa e legal, condição sem a qual o civismo nunca será atingido. Martins (2006:73) salienta que isso tinha acontecido especialmente no sul do Moçambique. As estruturas poligâmicas aqui tinham raízes profundas que serviram originalmente como princípio dinâmico da sobrevivência, crescimento, segurança, continuidade e prestígio da família tradicional.

Segundo Martins (s/d:115) embora as fronteiras étnicas sejam muito difíceis de determinar devido ao colonialismo português, papéis de gênero e poligamia ajudam a definir

uma fronteira cultural significativa entre o norte e o sul de Moçambique. Até ao final do século XIX, o sul de Moçambique era pré-capitalista, patriarcal e, principalmente, polígamo, enquanto o norte era principalmente matriarcal, matrilinear e monogâmico. Com a introdução do cristianismo, do colonialismo e do marxismo no sul, a prática da poligamia começou a ser questionada. Não somente questionada, mas com sucesso eliminada da sociedade moçambicana no sul.

O que podemos ver em „Niketche“ é que a situação com a poligamia é diferente na teoria e na prática. O que significa poligamia no sul de Moçambique e quais são as modificações que o povo moçambicano introduziu na sociedade, mostra a citação seguinte:

„Porque poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar. Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. Tinha o poder e renunciou. A prática mostrou que com uma só esposa não se faz um grande patriarca. Por isso os homens deste povo hoje reclamam o estatuto perdido e querem regressar às raízes. Praticam uma poligamia tipo ilegal, informal sem cumprir os devidos mandamentos.“
(Chiziane 2004:92)

Rami achava que o seu matrimónio com o Tony, em acordo com a religião cristã que predominava no sul, era a única forma possível. Foi ela que o Tony escolheu para levar ao altar para em frente de Deus formalizarem a sua relação. Porque, segundo a tradição mais recente, essa que os colonizadores impuseram, ela não tinha motivo para acreditar que esse matrimónio não era verdadeiro. Só quando descobriu a infidelidade do seu marido, é que as outras mulheres revelaram-lhe as suas histórias. A poligamia não estava tão dissimulada da sociedade moçambicana quanto ela pensava. Também a poligamia era percebida de modo diferente: as mulheres estavam contra ela, mas os homens achavam que eles tinham o direito a ela referindo-se à tradição:

„Pergunto aos homens: o que acham de poligamia? Escuto risos cadenciados como o gorjear das fontes. Vejo sorrisos que esticam os lábios de orelha a orelha. As glândulas salivares entram em acção como se estivesse a servir um manjar de agradável paladar. Há aplausos. Poligamia é natureza, é destino, é nossa cultura, dizem. No país há dez mulheres por cada homem, a poligamia tem que continuar. A poligamia é necessária, as mulheres são muitas.“ (Chiziane 2004:102)

Segundo a perspectiva da Rami, como uma mulher do sul que tinha passado a assimilação e se achava emancipada, o que ela estava a experienciar não era uma verdadeira poligamia. Era somente uma infidelidade do Tony. O que significa para ela estar num matrimónio poligâmico está explicado na citação seguinte:

„Poligamia não é substituir mulher nenhuma, é ter mais uma. Não é esperar que uma envelheça para trocá-la por outra. Não é esperar que uma produza riqueza para depois a passar para a outra. Poligamia não depende da riqueza ou da pobreza. É um sistema, um programa. É uma só família com várias mulheres e um homem, uma unidade, portanto.“
(Chiziane 2004: 94)

Ela considerava-se a única socialmente e juridicamente reconhecida esposa do Tony. Outras eram somente amantes. No primerio confronto com a Luísa, a terceira mulher, Rami lhe diz: „Mas tu não fazes a instituição, eu sim. Tu és a concubina e eu a esposa. És secreta e eu reconhecida. Tenho segurança, direito a herança e tu não tens direito a nada.“ (Chiziane 2004:54)

No momento quando tinha enfrentado todas as mulheres do Tony, Rami compreendeu que ele somente usava estas mulheres para o seu prazer. Mas essas relações não eram de ontem. Essas mulheres deram-lhe muitos anos da vida em troca de segurança parcial e proximidade periódica. Rami compreendeu que a situação não ia melhorar a seu favor – ela não pode conseguir que Tony deixe as outras mulheres mas decide extrair o máximo desta situação.

Rami decide unir todas as mulheres, „descobrir“ outras esposas do seu marido para todo o mundo ver. Decide viver uma poligamia tradicional, onde todas as mulheres/esposas são visíveis e guiadas pela primeira esposa, Rami. A sua parte, como primeira mulher, era organizar as visitas do Tony para que todas as esposas tivessem o mesmo tempo com ele. Também ela organizou o processo do „lobolo“ que era necessário para que as mulheres fossem reconhecidas como esposas. Tradicionalmente, o número de mulheres dependia da riqueza do homem e também dava-lhe grande reputação na sociedade. Ele não podia ter muitas esposas se não tivesse possibilidades para sustentar todas nas mesmas condições.

Mas na modernidade, uma mulher, a esposa, é responsável pela situação poligâmica que, supostamente, ocorre porque ela não sabe como cuidar do seu marido e dos desejos dele. Portanto, considera-se ser lógico que o marido vá buscar outras maneiras de satisfação, fora

de casa. E a mulher não pode fazer nada, porque não cumpriu com o seu papel de esposa. Assim, no romance, quando o advogado bate á porta da Rami com os papéis do divórcio e ela não os quer assinar, os dois entram numa discussão:

„O pobre homem anda infeliz por sua causa.

- Sabe que ele é polígamo?

- Isto não está em questão. Véndo bem, a senhora é a principal responsável por esta situação. Porque não cuidou dele devidamente. Não o realizou. Não o satisfez. Não o completou. Não o agradou suficientemente. A culpa é sua e deve responder por todos os seus crimes. Não soube segurar o marido e ainda por cima o ofende.“ (Chiziane 2004:169)

3.4.2. Retorno às raízes

Rami utiliza as regras impostas pela tradição que são contra ela, a seu favor, ou seja, usa a poligamia e o levirato como armas em sua legítima defesa. É a identidade da mulher moçambicana na póscolonialidade construída e reformulada após sofrer com as imposições da colonização.

O problema da volta à tradição é interessantemente mostrado numa frase, quando Rami se olha no espelho e não se reconhece: “Esta imagem não sou eu, mas aquilo que fui e queria voltar a ser.” (Chiziane 2004: 17) Podemos interpretar este citação como retorno às raízes, ou àquilo que Moçambique e as mulheres eram e significavam antes da colonização. É algo que é muito familiar, mas diferente. É uma frase que transmite a mensagem de um país que está no processo de transformação e descobrimento de novo.

Todo o romance está marcado com este retorno às raízes africanas, introduzindo os aspectos da cultura tradicional africana numa sociedade misturada que está a despertar de um sonho longo. No romance, especialmente são descritos os costumes que praticam a mulheres e que são impostos às mulheres.

Assim podemos ver Rami que descobre muitos costumes e tradições diferentes através das mulheres do seu marido. A sua aprendizagem é dupla porque neste processo ela descobre o país em cada uma das mulheres e descobre-se a si mesma. Mas esta descoberta não será

fácil porque Rami, apesar de ser uma mulher negra e africana, nela as influências urbanas são muito fortes como podemos ver na citação seguinte:

“Nas práticas primitivas, solidariedade é partilhar pão, manta e sémen. Sou de tempo moderno. Prefiro dar a minha vida e o meu sange a quem deles precisa. Posso dar tudo, mas o meu homem não. Ele não é pão nem pastel. Não partilho. Sou egoísta.” (Chiziane 2004:41)

A sociedade que Paulina Chiziane decreve tem padrões duplos e usa somente os elementos das tradições que lhe agradam. Um bom exemplo disso é quando as cinco mulheres se unem para dançar *niketche* para o Tony. Elas querem mostrar o amor que têm por ele, mas não encontram um “solo fértil”. Tony achou que elas queriam insultá-lo com a nudez e com as orgias, mostrando que nada sabia sobre as raízes desta dança nem destas mulheres.

Outro exemplo quando Paulina Chizane quer mostrar o retorno às raízes é o emprego da oralidade. Segundo Mota:

“O romance também valoriza a “oratura”, uma marca cultural moçambicana. Como a literatura no país africano, antes da colonização portuguesa, se dava pela voz, a oralidade tem eximia importância na cultura africana, pois esta literatura baseia-se nas tradições orais repassadas de geração em geração.” (2010:3)

A tradição na obra é destacada com o uso de contos e histórias das mulheres com as quais Rami está em contacto. Esta oralidade é muito importante porque todas as mulheres têm uma história para contar e nenhuma é positiva. Elas contam sobre a violação que sofreram, uma vida cheia de humilhação e práticas culturais que lhes foram impostas. Nesse sentido, um momento importante no romance está resumido num trecho quando Rami pensa sobre os órgãos sexuais femininos. Ela quer saber:

“Se a... pudesse falar que mensagem nos diria? De certeza ela cantaria belos poemas de dor e de saudade. Cantaria cantigas de amor e de abandono. Da violência. De violação. Da castração. Da manipulação. Ela nos diria por que chora lágrimas de sangue em cada ciclo.” (Chiziane 2004:185-186)

Através da reflexão sobre as genitálias femininas, sobre as suas formas diferentes e as histórias que lhes acontecem, Rami conclui que a genitália feminina é o “coração do mundo”: “Mais milagrosas que nós não existe em todo o corpo humano. Por isso nos odeiam, nos

temem, nos mutilam, nos violam, nos torturam, nos procuram, nos magoam. Mas é por nós que eles suspiram a vida inteira.” (Chiziane 2004:190)

No romance aprendemos sobre os costumes que favorecem os homens e como uma mulher tem de se comportar para agradecer ao seu marido. Até chegamos a aprender como os mais velhos aconselham as mulheres:

“Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha. Quando sevem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifés, os ossos gordos com tutano. É preciso investir nele, tanto no amor como na comida. O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, para ganhar mais forças e produzir filhos de boa saúde, pois sem ele a família não existe.” (Chiziane 2004:126)

A oralidade dos povos africanos traz o canto e a dança que são muito importantes expressões artísticas nas sociedades africanas. No romance, Rami salienta que: “Nessa coisa de cantar, tenho as minhas raízes. Sou de um povo cantador. Nesta terra canta-se na alegria e na dor. A vida é um grande canto. Canto e choro.” (Chiziane 2004:15) Mas as mulheres cantam somente da dor e do sofrimento pelos quais estão a passar. Esta é a única coisa de que elas podem falar e cantar.

Pela oralidade das mulheres que acercam Rami, descobrimos como as tradições estão incorporadas na sociedade moderna de Moçambique. Tudo o que aprendemos sobre as tradições revela-se através da conversa da Rami com outras esposas. Estas conversas são na maioria do tempo comparações entre as tradições do sul e do norte. Podemos seguir como, durante a narração, Rami se desenvolve e descobre tantas tradições que foram oprimidas pelo colonizador. Com o contacto com as outras mulheres, Rami aprende sobre a sua cultura e sobre si mesma. Ela questiona como as tradições influenciam as mulheres, mas também passa um processo de auto-valorização.

Aprendemos sobre os ritos da iniciação das mulheres e tudo o que passam para se estabelecer como uma mulher na sociedade que favorece os homens. Falam de costumes da prática do alongamento dos genitais, do lobolo, do kutchinga, da dança niketche, da alimentação, do levirato, do licaho. Nenhum destes costumes favorece a mulher.

No norte, as pessoas não se consideram verdadeiros adultos sem os ritos de iniciação e não podem participar na vida social quotidiana. Essas pessoas não têm maturidade e pela óptica da sociedade são ainda crianças. Interessante é como a autora faz paralelismos entre estes ritos e baptismo cristão: “Sem baptismo todo o ser humano é pagão. Não tem direito ao céu.” (Chiziane 2004:47)

No sul, o costume de lobolo, o preço que se paga por uma mulher para pedi-la em casamento, é muito importante. Sem pagar o lobolo, o homem é visto como um ser inferior e a mulher não tem pátria.

Com o uso dos costumes culturais africanos, o povo moçambicano quer separar-se da influência colonial e tentar construir uma cultura verdadeira moçambicana:

“Lobolo no sul, ritos de iniciação no norte. Instituições fortes, incorruptíveis. Resistiram ao colonialismo. Ao cristianismo e ao islamismo. Resistiram à tirania revolucionária. Resistirão sempre. Porque são a essência do povo, a alma do povo. Através delas dá um povo que se afirma perante o mundo e mostra que quer viver do seu jeito.” (Chiziane 2004:47)

Neste trecho pode-se perceber a heterogeneidade da cultura moçambicana: uma mistura de tradições africanas, ocidentais e orientais.

4. Considerações finais

Ler os romances de Paulina Chiziane significa reflectir sobre os traumas da colonização, pensar na dicotomia entre mulheres e homens ou passado e presente. Na sua obra, especialmente em *Nikethe*, Paulina Chiziane dá voz às subordinadas e às silenciadas na sociedade moçambicana: às mulheres. Sobre as personagens femininas Miranda diz: “Se por um lado, a escritora espelha uma mulher sofrida, oprimida e ‘decaída’ do ponto de vista simbólico, por outro lado, ela nutre as suas personagens femininas de muita força, sabedoria e determinação.” (2010:3)

Embora negue o epíteto da feminista, as *estórias* de Paulina Chiziane estão cheias de mulheres que lutam para afirmar seus valores perante a sociedade e reconquistar seu espaço usurpado durante a colonização. As personagens femininas de Paulina Chiziane carregam a dor do preconceito de gênero e de raça e estão completamente ligadas à realidade moçambicana. Elas ficam nas fronteiras entre a tradição e os sistemas culturais impostos pelos colonizadores. Dando a voz para as protagonistas femininas, Paulina Chiziane critica a sociedade atual moçambicana que marginaliza as mulheres.

A figura de Rami, a protagonista do romance *Niketche*, condiz com esta posição. Num grito, muito silencioso mas com grande vontade, Rami tenta recuperar o seu lugar na família e na sociedade que lhe pertence. Ela luta por seu espaço de liberdade, independência e complementaridade num mundo masculino. Ela busca o seu verdadeiro lugar na sociedade, refletindo sobre o seu próprio eu. Está a buscar a melhor maneira para lutar com a colisão dos opostos mulher/homem, esposa/amante, monogamia/poligamia, tradição/modernidade, ao mesmo tempo buscando a sua própria identidade.

Durante esta luta ela encontra outras mulheres muito diferentes dela mas numa situação idêntica. Apesar de serem inicialmente rivais, elas se uniram nesta luta pela independência. Nesta procura de identidade própria, mascarada com a tendência de recuperar o seu marido, Rami se acerca das práticas sociais e culturais das diversas etnias que habitam o território moçambicano. Ela consegue conhecer e compreender as tradições de Moçambique que tinha rejeitado, por causa da assimilação.

Rami é representada como uma mulher que possui sabedoria, educação e algo que muitas mulheres desejam: um marido. Na sociedade moçambicana do romance, para a

mulher, a única coisa que importa é arranjar um marido. Parece não ter valor nenhum se ela não tem marido. E apesar de ele ser adúltero, a mulher vai lutar para mantê-lo para si mesma. O romance mostra o crescimento dos personagens femininos que, lutando pela sua independência psíquica, também ganham independência financeira e física. No momento quando o Tony percebeu que as suas mulheres não precisavam dele porque não eram dependentes dele, a história se inverte. De fato, as mulheres perceberam que não precisam de um marido para serem reconhecidas na sociedade. Elas arranjaram coragem para abandonar o Tony e lutar por um futuro melhor onde não serão marginalizadas.

Vou finalizar com as palavras de Luciana Neuma:

“A identidade da mulher pós-colonial é composta pela luta, pelo brado africano feminino, pela reivindicação, pelos sonhos e desejos de alcançar seu espaço, e também por escrever e reescrever sua história com possibilidade de mudanças vindouras, mesmo que tardem a acontecer.” (2011:82)

5. Bibliografia

1. AFONSO, Ana Lúcia da Silva. Buscando outro significado para Eva: a representação do feminino na escrita de Paulina Chiziane.
Disponível em
<http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/ii/completos/comunicacoes/analidiadasilvaafonso.pdf> (Acessado a 9.11.2015.)
2. CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994.
3. CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
4. DANTAS, Luciana Neuma Silva Muniz Meira. *Identidade da mulher moçambicana nas obras de Noémia de Sousa e Paulina Chiziane*, Paraíba, 2011. (dissertação)
<http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/Dissertacoes2011/disserta%C3%A7%C3%A3o%20luciana%20neuma.pdf>
5. HAMILTON, Russel. Introdução, em: (org.) Maria do Carmo Sepúlveda, Maria Teresa Salgado. *África e Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000, 11-35
6. HAVILAND, William A. *Kulturna antropologija*. Zagreb: Naklada Slap, 2004.
7. LARANJEIRA, Pires. *Literaturas Africanas de expressão portuguesa*. Vol. 64, Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
8. LOBÓ, Almiro. *Niketche, uma história de poligamia: a moçambicanidade revisitada*, em: (org.) Rita Chaves e Tania Macêdo. *Marcas da diferença – as literaturas africanas da língua portuguesa*. São Paulo, 2006, 77-82
9. MARTINS, Ana Margarida Dias. *Niketche: a story of success*
https://www.academia.edu/3481203/Niketche_A_Story_of_Success (accessado a 17. 11. 2015.)
10. MARTINS, Ana Margarida Dias. *Paulina Chiziane*. Artigo no Institute of Modern Language Research. <http://modernlanguages.sas.ac.uk/centre-study-contemporary-womens-writing-ccww/languages/portuguese/paulina-chiziane> (accessado a 09. 11. 2015.)

11. MARTINS, Ana Margarida Dias. The whip of love: decolonising the imposition of authority in Paulina Chiziane's *Niketche* uma história de poligamia [https://www.academia.edu/3481396/The Whip of Love Decolonising the Imposition of Authority in Paulina Chiziane's Niketche Uma Hist%C3%B3ria de Poligamia](https://www.academia.edu/3481396/The_Whip_of_Love_Decolonising_the_Imposition_of_Authority_in_Paulina_Chiziane_s_Niketche_Uma_Hist%C3%B3ria_de_Poligamia) (accessado a 17. 11. 2015.)
12. MIRANDA, Maria Geralda de. A África e feminino em Paulina Chiziane. Revista Mulemba, n. 2. Rio de Janeiro. 2010. http://setorlitafrica.lettras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_2_6.php (accessado a 21.11.2015.)
13. MOTA, Pamela Maria do Rosário. Balada de amor ao vento: questionamentos sobre as tradições moçambicanas. Revista África e africanidades, n. 10. 2010. http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/10082010_09.pdf (accessado a 21.11.2015.)
14. MUCHANGA, Idnórcio. Lágrimas de alegria - afirma Paulina Chiziane. Jornal Domingo. 05 Junho 2015. <http://www.jornaldomingo.co.mz/index.php/nacional/5582-lagrimas-de-alegria-afirma-paulina-chiziane> (accessado a 09. 11. 2015.)
15. SÁVIO, Roberto Fonseca de Freitas, *Balada de amor ao vento*: as relações de gênero na ficção de Paulina Chiziane http://setorlitafrica.lettras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_10_8.php (accessado a 09. 11. 2015.)